

## ECOS BÍBLICOS NA POESIA DE FONSECA AMARAL

Marcia Glenadel Gnanni Ernesto  
UFF

Esta comunicação tenciona evidenciar pontos em comum entre a linguagem poética de Fonseca Amaral e a linguagem lírica presente nas Sagradas Escrituras.

Para tanto, tomaram-se para análise os poemas *Exílio* e *Colono* do referido poeta. Antes, porém, faz-se necessária uma breve apresentação do mesmo.

João da Costa Fonseca do Amaral nasceu em Viseu, Portugal, em 1929 e morreu em 1992. Radicado desde criança em Moçambique é considerado poeta moçambicano, tendo sido diretor do departamento editorial do Instituto Nacional do Livro e do Disco em Maputo. Figura em diversas antologias de poesia africana (*Poesia em Moçambique* – Lisboa, 1951, *Poetas de Moçambique* – Lisboa, 1962, *Poesia 71* – Porto, 1972) e colaborou em jornais e revistas moçambicanos (*A Voz de Moçambique*, *Itinerário*, *O Brado africano*, *Notícias*, *Revista Caliban* n.º 2). Por ter de ir morar em Lisboa na época do fascismo, considerava-se um exilado, apresentando uma identificação cósmica com a terra moçambicana.

### **Exílio**

Longe embora cidade paráclita  
a língua se nos cola ao céu da boca  
se vier o olvido.

Banhas-te conosco em águas de desterro  
flutuas sempre por nossa boca  
nas praias da memória.

Nos dias mais soalheiros da diáspora  
És tu quem materna vem dizer “aqui estou”  
à emoção que nos habita.

Marulham outras águas aqui  
mas quando as invocamos é Baía do Espírito Santo  
o nome que nos corre à boca.

São lembranças que viajam para ti  
mãe estuante que nos deste o leite e o mel  
hoje por tão longe dissipados.

*Caliban* nº 2, 1971  
(apud *50 Poetas africanos*, p. 363-364)

Ao ler-se *Exílio*, percebe-se uma forte intertextualidade presente no poema com os escritos bíblicos.

Partindo do título, **exílio**, pode-se observar uma estreita ligação com o segundo livro do Pentateuco, o Êxodo. A palavra exílio, do latim *exiliu*, implica a idéia de expulsão, expatriação, desterro; já o vocábulo êxodo, do latim *exodu*, veicula a idéia de saída, emigração. De acordo com o relato bíblico, o livro do Êxodo trata de importante fato da história do povo hebreu, isto é, da saída dos israelitas do Egito, onde eram escravos do faraó e tiveram Moisés como intercessor para a libertação da escravidão.

Ao se analisar a primeira estrofe do poema, percebe-se a relação entre “*longe embora cidade paráclita*”, a cidade prometida, e a jornada de quarenta anos travada pelo povo hebreu no deserto em busca de Canaã, a Terra Prometida. Há, igualmente, ligação entre “*cidade paráclita*”, primeira estrofe, e “*Baía do Espírito Santo*”, quarta estrofe, pois ao se ler o evangelho de João encontra-se a promessa feita por Jesus de enviar a seus discípulos o Espírito Santo Paráclito, o espírito advogado, intercessor.

Na segunda estrofe o vocábulo “*desterro*” remete à terra de opressão, escravidão, do exílio. As “*praias da memória*” aqui referidas simbolizam o lugar do refrigerio, da liberdade, a terra prometida; estando, portanto, ligadas à “*Baía do Espírito Santo*”.

A palavra “*diáspora*”, na terceira estrofe, indica a dispersão e o desejo do povo separado em retornar à terra de origem. A exemplo de Moisés, o eu lírico quer agregar o seu

povo na terra mãe. Da mesma forma que os judeus sofreram a diáspora desde os primórdios bíblicos até o Holocausto, os povos africanos passaram por processo similar quando escravizados e, não só tiveram sua cultura esfacelada e desrespeitada pelo colonizador, como também foram enviados (separados, dispersados) para o trabalho escravo nas diversas colônias mundo afora.

Na quarta estrofe, a “*Baía do Espírito Santo*” remete-se às “*praias da memória*”, configurando-se aí a memória como local de refúgio e esperança de um dia retornar à *Tellus Mater*, à Terra Prometida. Tal idéia é corroborada pelo verso; “*São lembranças que viajam para ti / mãe estuante que nos deste o leite e o mel / hoje tão longe dissipados*”, da quinta estrofe.

Ainda na quinta estrofe o verso: “*mãe estuante que nos deste o leite e o mel*” evoca ecos bíblicos do livro do Êxodo: “*Por isso descí para libertá-los do poder dos egípcios, para levá-los do Egito para uma terra grande e boa, onde abundam o leite e o mel.*” (Ex 3:8).

Em *Colono*, as alusões à Bíblia são mais sutis se comparadas a *Exílio*, mas são também observáveis.

## **Colono**

À memória de João Luís Amaral

Quase perdida a memória das distantes águas  
escorrendo pelas encostas  
bíblico fitavas esta chuva  
estes ventos  
estas árvores de grandes sombras  
Os caminhos de juventude  
entre Douro e Minho  
a casa velha, a quinta, os invernos  
tudo palavras de um livro  
arrumado na estante  
que – de longe em longe  
passavas pelos olhos.

Pão levedado de erros e grandezas  
aos dentes da vida te deste inteiro

enquanto a cidade nascia sob os teus pés  
crescia  
e as raízes da rotina  
milímetro a milímetro  
se iam afundando

Partiste  
sem te despedires  
para a licença ilimitada mais definitiva  
mas entre Chamanculo e Xipamanine  
o chão que pisaste  
retém o teu nome – para sempre

LM 1953  
*In* Letras & Artes  
Revista Tempo

*Colono* é um poema dedicado à memória de um falecido. Uma atmosfera de lembranças do ente querido e a relação deste com a terra em que viveu permeiam o texto. Atente-se, ainda, para o título **colono**, retomando a temática da colonização.

Logo na primeira estrofe, há a descrição de um local paradisíaco, local de lembranças, e “*a memória das ... águas / escorrendo pelas encostas*” evoca a passagem bíblica contada nos livros do Êxodo (Ex. 17:4-7, “O rochedo do monte Horeb”) e dos Números (Nm. 20:6-11, “As águas de Meribá”), em que Moisés fere uma rocha a fim de obter água para o povo sedento, em marcha pelo deserto de Sin, a caminho de Canaã.

Na segunda estrofe, ainda em atmosfera de rememoração, os versos “*tudo palavras de um livro / arrumado na estante*” sugerem duas interpretações possíveis: o poeta pode estar se referindo a um livro de memórias ou a uma bíblia; afinal ambos os livros guardam lembranças, registros.

O “*pão levedado de erros e grandezas*”, presente na terceira estrofe do poema, dialoga com a primeira epístola de Paulo aos Coríntios: “*Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?*” (I Cor. 5:6-8)

Aqui o poeta apresenta João Luís Amaral, a quem dedica *Colono*, como sendo uma pessoa plena de virtudes e igualmente de defeitos: “*Pão levedado de erros e grandezas / aos dentes da vida te deste inteiro.*” Cumpre ressaltar que o texto bíblico citado reporta-se ao orgulho e à malícia inerentes ao Homem, referindo-se, por extensão, aos defeitos que todos os seres humanos têm.

Por fim, na última estrofe de *Colono*, tem-se veiculada novamente a idéia de lugar de origem, “solo santo”, a terra prometida a que pertenceu a pessoa homenageada pelo poema: “*Partiste ... / mas entre o Chamanculo e Xipamanine* (o primeiro é um bairro em Maputo e o segundo, local de um famoso mercado na mesma cidade) / *o chão que pisaste / retém o teu nome / - para sempre.*”

Ao final das análises de *Exílio* e *Colono* verifica-se a influência, o entrecruzar da leitura de textos bíblicos na linguagem poética e imagética de Fonseca Amaral.

Destaca-se também a força significativa dos títulos de ambos os poemas, que remetem o leitor ao processo de colonização, e seus desdobramentos, imposto à África, por um longo tempo, em um passado histórico tão recente.

### **Bibliografia:**

- AMARAL, Fonseca. *Colono*.<http://www.terravista.pt/Bilene/1980/letras/famaral/>
- *Bíblia Sagrada*. 17ªed. São Paulo: Ed. Ave Maria Ltda, 1998.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. São Paulo: Ed.

Ática,1987.

- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*.v13.Rio de Janeiro:UFRJ, Coordenação dos Cursos em Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa,1999.